

**Resumo:** O breve período de pontificado do papa Francisco está mostrando um novo modo de exercício do ministério petrino. Sua presença na 28ª Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, é uma expressão dessa novidade. Ela caracteriza-se, sobretudo, pela proximidade, acolhida, ternura, simplicidade. Não são estratégias, mas um modo de ser e de agir do papa Francisco. É de se esperar que a Igreja seja sempre mais fiel à sua natureza e missão.

**Abstract:** The initial period of the pontificate of Pope Francis I is already quite relevant because it is showing forth a new mode of exercising his papal ministry. His active involvement during the 28th World Journey of Youth in Rio de Janeiro evidences this novelty. It stresses no doubt his proximity, forthcoming, tenderness, and simplicity. They are not to be interpreted as mere strategies but as his personal trait and procedures of Pope Francis. It is to be expected that the Church as a whole will be faithful to his nature and mission.

## A nudez de Francisco, o Papa

*Elias Wolff\**

---

\* O autor, doutor em Teologia e Presbítero da diocese de Lages/SC, é professor na FACASC/Fpolis e na PUC/PR.



A JMJ foi um fato eclesial e social, simultaneamente, impactando a Igreja e a sociedade no âmbito nacional e internacional, sobretudo através do incansável empenho dos profissionais e ativistas das redes sociais que procuravam transmitir, quase em tempo real, as imagens, os gestos e as palavras que captavam tanto do papa Francisco como da juventude que o perseguia onde quer que ele fosse pela cidade do Rio de Janeiro. Distintas expressões de fé e de culturas, de vida cristã e modelos de igreja, conseguiram uma convergência quase identitária no uníssono que ecoava, com sotaques globais e regionais, em toda a orla de Copacabana: “somos a juventude do papa”.

Os jovens do papa Francisco e o papa dos jovens se encontraram sem saber quem procurava quem. A juventude foi ver o papa e o papa foi encontrar-se com a juventude. Uma mútua procura que fundia anseios, expectativas, motivações. A imagem popular de Francisco se confundia e se confirmava na imagem da multidão concentrada na praia. A grandiosidade de uma confirmava a magnitude de outra. A multidão de jovens não formava apenas um cenário para a atuação do papa (o que era desnecessário, considerando a moldura construída pela paisagem natural onde estavam), a juventude era o motivo da sua presença. Não era apenas um destinatário da sua mensagem, mas interlocutor e, de certo modo, também o conteúdo.

Essa 28ª edição da JMJ pode até se parecer com as anteriores: o papa, os jovens, emoção e fé. Mas há algo muito diferente. E não apenas por ser no Rio de Janeiro – o que já é uma tremenda peculiaridade. A novidade está na conduta do pastor. Não apenas ensina, tem vontade de aprender; não se expressa com frieza de intelectual, partilha sentimentos e emoções; não se distancia dos ouvintes, aproxima-se, toca, abençoa; não usa gestos medidos, calculados, tensos, mas espontâneos, naturais, livres; nenhuma aura de poder, e sim uma simplicidade quase desconcertante para o uso do seu cargo. Sem a distância de uma autoridade magisterial, burocrática, curial, mas desejoso de um encontro direto com as pessoas: “Queria bater em cada porta, dizer “bom dia”, pedir um copo de água fresca, beber um “cafezinho”, falar como a amigos da casa, ouvir o coração de cada um, dos pais, dos filhos, dos avós...”<sup>1</sup>. Na verdade, o papa Francisco despiu-se diante da multidão. Não vestiu as formas tradicionalmente utilizadas para o exercício do seu ofício. E em sua nudez transparece um modo de ser Igreja, cujo conteúdo se expressa

<sup>1</sup> Visita à comunidade da Varginha, dia 25.



na sintonia dos seus gestos com os 19 pronunciamentos que fez em apenas 8 dias, entre discursos, homilias, *ângelus* e entrevistas:

**1 – Despojado de si mesmo:** o papa é do povo, não é papa para si mesmo, não se pertence. Como discípulo de Cristo, sabe que “o discípulo não ocupa uma posição de centro”; “Não admite a auto-referencialidade: ou refere-se a Jesus Cristo ou refere-se às pessoas a quem deve levar o anúncio dele”<sup>2</sup>. E para isso é necessário a humildade, que está no DNA de Deus<sup>3</sup>. Despoja-se de si próprio doando-se a quem encontra. Na verdade, o papa não entrega a si mesmo às pessoas, mas o que recebeu como herança, a fé em Jesus Cristo. Entende que “para transmitir a herança é preciso entregá-la pessoalmente, tocar a pessoa para quem você quer doar”<sup>4</sup>. E não espera pelo outro, toma a iniciativa de ir em sua direção, com os longos braços abertos que enlaça as pessoas antes que elas possam ter qualquer reação. Sempre espontaneamente, sorridente, olho no olho.

**2 – Despojado do próprio tempo:** O despojamento de si, a auto-entrega aos outros, a relação com a multidão, exige despojar-se também do próprio tempo. Francisco precisa percorrer da Praia do Forte até o Leme, atravessar toda a praia de Copacabana, e chegar no horário marcado para iniciar a cerimônia. Mas entre um ponto e outro, ao longo do trajeto, estão as pessoas. Se o papa é delas, o seu tempo é delas. Então os papéis se invertem: não são elas que foram encontrar o papa, é o papa que as busca. O veículo que o conduz para quantas vezes for necessário para dedicar tempo e atenção a uma criança, um idoso, um doente. Valoriza os símbolos que lhe alcançam. Há tempo para um chimarrão. Estar com o outro, na proximidade existencial, caminhar com ele, no seu próprio ritmo, é o jeito de ser líder. “Recuperemos, queridos irmãos, a calma de saber sintonizar o passo com as possibilidades dos peregrinos, com os seus ritmos de caminhada, recuperemos a capacidade de estar-lhes sempre perto para permitir a eles abrirem uma brecha no desencanto que existe nos corações, para que possam entrar”<sup>5</sup>. O papa e o seu tempo pertencem a quem ele encontrar no caminho.

**3 – Despojado de programações rígidas:** E assim é com a agenda, sem formalismo rígido, inflexível, próprio dos aristocratas. Na agenda

<sup>2</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.

<sup>3</sup> Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.

<sup>4</sup> Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.

<sup>5</sup> Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.



do papa há como incluir uma viagem a Aparecida, um encontro com os peregrinos patrícios, uma entrevista ao repórter, Tem flexibilidade para tirar proveito dos imprevistos, como a mudança do lugar da vigília: “Não quererá porventura o Senhor dizer-nos que o verdadeiro “*Campus Fidei*”, o verdadeiro Campo da Fé, não é um lugar geográfico, mas somos nós mesmos?”<sup>6</sup>. Muitos outros encontros, ainda que fortuitos, foram desejados – Pudera ter conseguido incluir também um encontro específico com líderes de Igrejas e Religiões.... Seria uma oportunidade privilegiada para manifestar ainda mais a abertura e renovação do ministério do papa Francisco. A brevíssima saudação feita no santuário de Aparecida e no teatro municipal do Rio de Janeiro deixaram a desejar.

**4 – Despojado de temores:** Para despojar-se, entregar-se ao outro, é preciso vencer todos os temores, de ordem física e espiritual. Francisco anda pelas ruas em carro aberto, expondo seu rosto sereno e seu largo sorriso para todos, sem qualquer receio de que as pessoas sejam más ou possam fazer-lhe algum mal. É do bem, veio na paz. Impossível não lembrar do filho de Pietro di Bernardone dei Moriconi e Pica Bourlemont, na medieval cidade de Assis. E à pergunta se não tem medo, responde tranquilamente ao repórter: “vim visitar gente e os trato como gente”, com o olhar, o toque, o abraço, o carinho. Por isso não pode “fechar-se em uma caixa de vidro”, impedindo a relação física, condição para uma verdadeira relação humana, afetiva e espiritual. Sente-se em casa onde chega, respeita o lugar do outro e pede licença: “que nesta hora eu possa bater delicadamente a esta porta”<sup>7</sup>. Vai aonde quer e brinca bem humorado, “sou inconsciente, não tenho medo”<sup>8</sup>. Na verdade, tem consciência de que só há relação humana por uma auto-entrega sincera, “é tudo ou nada”, conclui ao repórter.

O despojamento dos temores de males físicos possibilita profunda liberdade interior para falar o que quiser e na forma que quiser. Não porque entende que como papa fala de tudo com autoridade infalível. É exatamente sobre as falhas que quer falar. Não teme abordar temas complexos, sobretudo problemas eclesiais que em outros tempos e por outros tantos seriam tratados a portas fechadas. E os trata como quem se propõe a tratá-los, do cardeal mais próximo ao repórter que encontra pela primeira vez. Não há aqui nenhuma inconsequência. O que há é

<sup>6</sup> Homilia na Vigília, Copacabana, dia 27.

<sup>7</sup> Acolhida no Palácio da Guanabara, dia 22.

<sup>8</sup> Entrevista ao repórter da Globo.



coragem, transparência e sinceridade de quem conta com a colaboração de todos na busca de resposta às questões que dizem respeito a todos.

**5 – Despojado de títulos:** Não se ouvia referências ao papa Francisco com o uso das expressões medievais costumeiramente utilizadas por seus antecessores: “sucessor de Pedro” e “*Pontifex Maximus*” (Leão I, séc. V), “*Vicarius Christi*” (Inocência III, séc. XIII), “*Vicarius Dei*” (Inocência IV, séc. XIII), “sua santidade”, “santo padre”.... É, simplesmente, o papa Francisco, papa do povo, papa dos pobres. Títulos que não ostentam posses ou *status*, não tem a “psicologia de príncipes”<sup>9</sup>. Representante de Deus? Certamente, mas não mais do que qualquer outro ser humano, também imagem e semelhança do Criador. Mesmo o termo “papa” é desmitificado, deixando de indicar um ser quase mitológico, que toca os céus com as mãos e tem uma chave que o abre ou fecha quando quiser. Sua autoridade é desprezenciosa, o verdadeiro líder da Igreja sabe que “é nisso que se exerce e mostra a autoridade: na capacidade de serviço”<sup>10</sup>. “*Pappas*” em Francisco recupera o significado etimológico do termo grego que designa pai venerável e amoroso, no Oriente denominava todos os bispos e não um em particular. É o jeito humano e afetivo de acolher, abraçar, beijar, cuidar, estar próximo. O que se realça não é o valor teológico ou magisterial do título, mas a dimensão existencial, ministerial, pastoral. Os gestos o confirmam. Eis o que convence, a razão da comoção de quem dele se aproxima, ou apenas o vê a centenas de metros de distância. Não buscam uma bênção como se fosse um dom extraordinário “do papa”. É de Francisco, o bispo de Roma que sabe ser *Pappas*, que esperam por um sorriso, um carinho, um aceno de mão, um simples olhar, uma palavra. Afeto humano que expressa a bênção divina. Isso o faz popular, mostrando um Deus povoado. O papa é pop mas não é “*pop star*” como os cantores da missa – aproximam-se estes do povo...?

**6 – Despojado de insígnias:** O despojamento dos títulos papais leva ao despojamento também das insígnias, indumentárias imperiais e corte herdadas do imperador desde o papa Silvestre (séc. V). Uma simples batina branca, uma cruz e um anel de prata, sapatos pretos, um solidéu que pode ser trocado pelo boné de um jovem peregrino. É o suficiente para um líder da Igreja: “Não tenho ouro nem prata, mas trago o que

<sup>9</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.

<sup>10</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.



de mais precioso me foi dado: Jesus Cristo!”<sup>11</sup>. O espírito de Francisco nada lembra o fausto, o luxo, a ostentação. Aceita um simples quarto residencial para hospedagem. Já alguns auxiliares, cantores sacros e populares... Chega ser constrangedor estar diante do papa utilizando cruz e anel dourados, batinas e túnicas de tecidos finos – ou caríssimos celulares, computadores e outros meios alheios às motivações pastorais. E o que dizer do uso do dinheiro dos fiéis para sustentar o supérfluo em cúrias, casas paroquiais e automóveis? O papa é claro: “ofende o coração do povo”. Revela que está a caminho uma política financeira transparente para toda a Igreja.

### Para revestir a Igreja

O despojamento do papa Francisco tem uma finalidade: dar nova roupagem à Igreja, revesti-la, reconstruí-la. Em sua nudez, a transparência da Igreja. Não mais a roupagem da eclesiologia triunfalista, arrogante, exclusivista, sustentada na *plenitudo potestatis*, mais *magistra* do que *mater*, mais *caput* do que *communio*. Não a Igreja da supercomplexidade dogmática, do casuísmo moralista, do legalismo disciplinar. Essa Igreja “De servidora” se transforma em ‘controladora’<sup>12</sup>, mais ensina do que aprende, mais fala do que ouve, não dialoga e não convive com as diferenças. Não a Igreja auto-referenciada, burocrática, que se entende “mais como organização” do que como “Povo de Deus na sua totalidade”<sup>13</sup>. Esta Igreja transforma-se em uma ONG<sup>14</sup>.

Qual é a Igreja do papa Francisco? Uma Igreja disposta a uma profunda reforma interior por um processo de conversão pastoral, em perspectiva de missão. Uma Igreja excêntrica, descentralizada, profeticamente aberta para o mundo. É preferível uma Igreja que vive nas ruas mesmo com o risco de sofrer algum acidente, do que uma Igreja adontada por estar fechada em casa, recolhida no templo: “É nas favelas, nos cantegriles, nas villas miseria, que nós devemos ir procurar e servir a Cristo [...] Não podemos ficar encerrados na paróquia, nas nossas comunidades [...] Não se trata simplesmente de abrir a porta para acolher,

<sup>11</sup> Acolhida no Palácio da Guanabara, dia 22.

<sup>12</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.

<sup>13</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.

<sup>14</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.



mas de sair pela porta fora para procurar e encontrar<sup>15</sup>. E aos jovens esparramados na praia a exigência é clara: “Peço que vocês também sejam protagonistas, superando a apatia e oferecendo uma resposta cristã às questões políticas que se colocam em diversas questões do mundo. Envolvam-se num mundo melhor. Não sejam covardes, metam-se, saiam para a vida. Jesus não ficou preso dentro de um casulo. Saiam às ruas como fez Jesus”<sup>16</sup>.

A Igreja que não é auto-referenciada tem referências claras. *Primeiro*, Cristo e seu Evangelho, a razão e o caminho da Igreja. *Segundo*, os pés no chão, no contexto sócio-cultural em que vivem os fiéis. *Terceiro*, o Vaticano II, que ainda precisa ser recebido. E para a Igreja da América Latina, o Documento de Aparecida “continua animando os trabalhos do CELAM para a anelada renovação das Igrejas particulares”, assumindo a conversão pastoral. E urge reconhecer que “estamos um pouco atrasados no que a Conversão Pastoral indica”<sup>17</sup>.

As notas principais dessa Igreja são: **1) Maternidade**, “a mãe não se conhece por correspondência”, toca, abraça, beija, dá carinho, cuida. “‘Pastoral’ nada mais é que o exercício da maternidade da Igreja. Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão...”<sup>18</sup>; **2) Proximidade**, igreja sempre disponível para o outro, de forma samaritana. Ela se faz próxima para “fazer companhia ... acompanha o caminho pondo-se em viagem com as pessoas ... que se dê conta de como as razões, pelas quais há quem se afaste, contém já em si mesmas também as razões para um possível retorno”<sup>19</sup>. **3) Solidária**: Estar próximo é ajudar a carregar a cruz tocando a cruz de Cristo: “Ninguém pode tocar a Cruz de Jesus sem deixar algo de si mesmo nela e sem trazer algo da Cruz de Jesus para sua própria vida”<sup>20</sup>. **4) Misericórdia**, a Igreja não coloca a lei e a disciplina como primeiros critérios para a pertença à comunidade de fé, mas o amor e o perdão. Para os tempos atuais, “serve uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia”<sup>21</sup>; **5) Diálogo**, a Igreja promove a “cultura do encontro”; se relaciona com a

<sup>15</sup> Missa na Catedral do Rio de Janeiro, 27/0.

<sup>16</sup> Homilia na vigília, Copacabana, dia 27.

<sup>17</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.

<sup>18</sup> Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.

<sup>19</sup> Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.

<sup>20</sup> Homilia na Via Sacra, Copacabana, dia 26.

<sup>21</sup> Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.



sociedade, com as outras igrejas e as religiões para, a partir da própria fé, encontrar-se num projeto comum de cooperação para o bem de toda a humanidade. Seus ministros são “servidores da comunhão e da cultura do encontro”, pessoas de diálogo: “Entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo”<sup>22</sup>. “Diálogo, diálogo, diálogo...” sabendo que “Não queremos ser presunçosos, impondo as ‘nossas verdades’”<sup>23</sup>, com todos buscamos “estabelecer um diálogo de amigos”<sup>24</sup>. **6) Inclusiva:** a) Igreja que acolhe a todos, independente de condição social, cultural, religiosa: “O Evangelho é para todos, e não apenas para alguns. Não é apenas para aqueles que parecem a nós mais próximos, mais abertos, mais acolhedores. É para todas as pessoas”<sup>25</sup>. b) Abre-se para a ministerialidade de todos os batizados, sobretudo o ministério laical “sem manipulação ou indevida submissão”, servindo-se dos Conselhos. E pergunta: “Tanto estes (Conselhos Diocesanos) como os Conselhos paroquiais de Pastoral e de Assuntos Econômicos são espaços reais para a participação laical na consulta, organização e planejamento pastoral?” Pergunta crucial para os tempos de concentração clerical da pastoral. E constata com pesar: “Acho que estamos muito atrasados nisso”<sup>26</sup>. c) Que valoriza a mulher. As mulheres “constituem uma força cotidiana que faz evoluir” a sociedade e a Igreja<sup>27</sup>. “Não reduzamos o empenho das mulheres na Igreja; antes, pelo contrário, promovamos o seu papel ativo na comunidade eclesial. Se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco da esterilidade.... Tende isso em séria consideração!”<sup>28</sup>. Ir ao Santuário de Aparecida foi como rezar para a Igreja mulher. Como o papa teria se alegrado se tivesse visto alguma mulher como principal condutora de “ao menos um” dos eventos centrais da JMJ em Copacabana... **7) Missionária:** a missão da Igreja é recuperar e fortalecer o sentido da vida das pessoas orientando-as para que “bote Fé”, “bote esperança”, “bote amor”, “bote Cristo em suas vidas”<sup>29</sup>. É encorajar as pessoas para que “não deixem que lhes roubem a

<sup>22</sup> Aos políticos, diplomáticos, empresários..., 27/07.

<sup>23</sup> Homilia na missa na Catedral do Rio de Janeiro, dia 27.

<sup>24</sup> Cerimônia de boas-vindas, Palácio da Guanabara, dia 22.

<sup>25</sup> Homilia na missa de envio, Copacabana, dia 28.

<sup>26</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.

<sup>27</sup> Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.

<sup>28</sup> Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.

<sup>29</sup> Saudação do papa na acolhida aos jovens, Copacabana, dia 25.





esperança<sup>30</sup>, conservando-a, com abertura às surpresas de Deus e vivendo na alegria<sup>31</sup>. É uma igreja que “sai para fora de si mesma”, existe para o testemunhar o evangelho no mundo, vai além da “pastoral da conservação”. Urge fortalecer a Missão Continental, a qual é *programática* (atos de índole missionária) e *paradigmática* (colocar em chave missionária as atividades habituais das igrejas particulares). “Decididamente pensemos a pastoral a partir da periferia, daqueles que estão mais afastados, daqueles que habitualmente não frequentam a paróquia. Também eles são convidados para a Mesa do Senhor<sup>32</sup>. **8) Atenta aos pobres:** Na ação da Igreja tem preferência o pobre, injustiçado e descartado: Por isso a missão contribui para a transformação do mundo: “Não se cansem de trabalhar por um mundo mais justo e mais solidário! Ninguém pode permanecer insensível às desigualdades que ainda existem no mundo!”<sup>33</sup>.

Essas *notae ecclesiae* franciscanas ajudam a Igreja a vencer as tentações da ideologização da mensagem evangélica, da ideologização psicológica, a proposta gnóstica, a proposta pelagiana, o funcionalismo, o clericalismo<sup>34</sup>. Então a Igreja se entende como o campo onde Deus semeia, onde se treina o seguimento de Cristo, e um canteiro de obras onde Deus constrói<sup>35</sup>. O resultado da sua ação pastoral depende da “criatividade do amor”, não é “expansão de um aparato governamental ou de uma empresa”. Francisco acusa: “existem pastorais ‘distantes’, pastorais disciplinares que privilegiam os princípios, as condutas, os procedimentos organizacionais... obviamente sem proximidade, sem ternura, nem carinho. Ignora-se a ‘revolução da ternura’, que provocou a encarnação do Verbo<sup>36</sup>. É preciso perguntar: “somos ainda capazes de aquecer o coração?”<sup>37</sup>. Pois “Evangelizar significa testemunhar pessoalmente o amor de Deus, significa superar os nossos egoísmos, significa servir, inclinando-nos para lavar os pés dos nossos irmãos, tal como fez Jesus<sup>38</sup>. Atenta aos sinais dos tempos, a Igreja se pergunta continuamente, “Para onde Jesus nos manda? Não há fronteiras, não há limites” é preciso “levar

<sup>30</sup> Visita no Hospital São Francisco de Assis, dia 24.

<sup>31</sup> Homilia no Santuário Nacional de Aparecida, dia 24.

<sup>32</sup> Homilia na missa na Catedral do Rio de Janeiro, 27.

<sup>33</sup> Visita à Comunidade da Varginha, dia 25.

<sup>34</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.

<sup>35</sup> Homilia da Vigília, Copacabana, dia 27.

<sup>36</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.

<sup>37</sup> Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.

<sup>38</sup> Homilia na missa do envio, Copacabana, dia 28.



Cristo para todos os ambientes, até as periferias existenciais, incluindo quem parece mais distante, mais indiferente”<sup>39</sup>.

Conseguirá o papa Francisco dar essa nova roupagem à Igreja? Deixa claro que não se satisfaz com remendos, as mudanças não deverão ser superficiais, mas estruturais. Sim, tem consciência dos muitos obstáculos e resistências que deverá enfrentar. Sobretudo da parte de quem não compreende “o caminho que Deus quer para ‘hoje’”, e fecha-se em posições “restauracionistas” de linguagens, ritos e instituições anacrônicas ao tempo em que vivemos. Isso “não é do bom espírito. Deus é real e se manifesta no ‘hoje’”<sup>40</sup>. Mas renovar a Igreja é próprio do espírito de Francisco, é sua missão: “A ‘mudança de estruturas’ (de caducas a novas) não é fruto de um estudo de organização do organograma funcional eclesiástico, de que resultaria uma reorganização estática, mas é consequência da dinâmica da missão. O que derruba as estruturas caducas ... é justamente a missionariedade”<sup>41</sup>.

Conseguirá o ser de Francisco, o papa, fazer que se torne *o modus essendi* e o *modus operandi* da Igreja? Conseguirá o espírito de Francisco penetrar nas estruturas eclesiásticas?

Difícil responder, mas uma coisa é certa: o papa soube por onde iniciar a renovação eclesial, por si mesmo. Num instante, o papa Francisco parece responder ao clamor pela reforma do papado que atravessa os séculos na história da Igreja. Mais que um novo “pontífice”, personifica a renovação do pontificado. Entende-se papa porque é, primeiramente, bispo. Não se posiciona como bispo de todas as dioceses do mundo, não obstante as prerrogativas jurídicas do seu ministério. É bispo de Roma. Casou com sua Igreja local e critica a “poligamia episcopal”. Não tem preocupação em mostrar que a Igreja de Roma é *mater, caput et magistra* de todas as Igrejas particulares. Não quer romanizar o catolicismo, nem uniformizar a vivência da fé. Não intimida pela onipresença, onisciência, onipotência de quem se considera “Deus mesmo na terra”. Recorda a todos que o papa é um bispo e fala de “bispo para bispo, de igual para igual”. E compreende-se necessitado dos outros – “rezem por mim”; precisa ouvi-los – prefere os rumores da convivência na Casa Santa Marta do que o silêncio da solidão dos aposentos privados; pede perdão se a

<sup>39</sup> Homília na missa de envio, Copacabana, dia 28.

<sup>40</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.

<sup>41</sup> Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.



fala ofende alguém. Para ser líder na Igreja “não é suficiente a burocracia central, mas é preciso fazer crescer a colegialidade e a solidariedade”. Por isso não é *papa solus*, trabalha em equipe e pede aos ministros da Igreja que valorizem as parcerias e os/as cooperadores/as. Deve-se trabalhar pela comunhão eclesial, como “uma teia que deve ser tecida com paciência e perseverança”<sup>42</sup>. Comunhão que se constrói por “uma rede de testemunhos regionais que, falando a mesma linguagem, assegurem em todos os lugares, não a unanimidade, mas a verdadeira unidade na riqueza da diversidade”<sup>43</sup>.

É um novo jeito de ser líder na comunidade, ser bispo na Igreja, com “a atitude mais do pastor do que de quem comanda”, que não ameaça, não amedronta, não exclui, “não manipula”. Aponta para uma renovação da Igreja por uma “conversão pastoral”, e vice-versa, de relação humana, teológica e pastoral acima do legalismo. Conseguirá o papa Francisco revestir com o seu próprio hábito a Igreja dos nossos tempos...?

*Endereço do Autor:*

Paróquia N.S.de Lourdes e São Luiz  
Rua Padre Schrader, 01 – Agrônômica  
88025-090 Florianópolis, SC

<sup>42</sup> Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.

<sup>43</sup> Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.